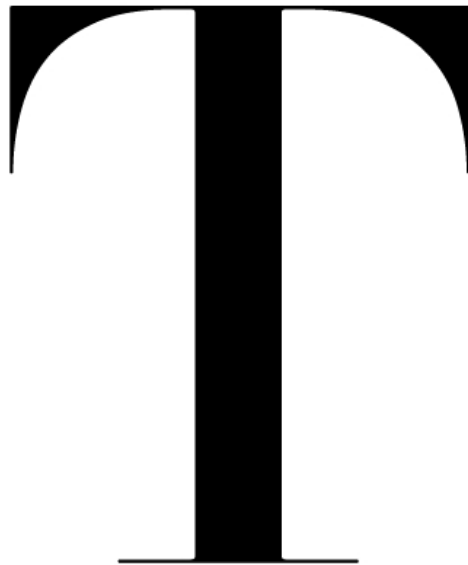




CATARINA FURTADO

EMBAIXADORA DE BOA VONTADE UNFPA E PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO CORAÇÕES COM COROA

NESTAS MINHAS VIAGENS PELO MUNDO EM DESENVOLVIMENTO, CRUZEI O MEU OLHAR COM O OLHAR BAÇO, APAGADO, DE MENINAS COM 15, 16, 17 ANOS, SENTADAS AO LADO DOS SEUS MARIDOS DE 60, A ESCONDEREM-SE NO ÚNICO REFÚGIO QUE ESTÁ AO SEU ALCANCE, A ÚNICA PARTE DO CORPO NÃO VIOLADA, A SUA CABEÇA, A SUA IMAGINAÇÃO.



Todos os dias 39 mil meninas ou jovens são "convidadas" a casar e outras forçadas. Nenhuma sociedade consegue suportar o custo que os casamentos precoces causam com a perda de oportunidades, o desperdício de talentos, a não exploração das capacidades pessoais destas adolescentes.

Investir nas raparigas, desenvolvendo as suas competências sociais e económicas, assegurando o seu acesso a serviços de educação, saúde e saúde sexual e reprodutiva, salvaguardando que poderão deixar o casamento para quando estiverem preparadas, significa apenas uma palavra: dignidade. E como consequência, constrói-se uma sociedade mais forte, uma economia mais vibrante, crescem famílias mais saudáveis e sobem os níveis da igualdade de género. A verdade vem à tona e é o coração e a razão desta realidade: quando as raparigas têm a possibilidade de escolha, elas optam por casar mais tarde.

O casamento infantil, jovem ou forçado, leva, na grande maioria das vezes, a complicações relacionadas com a gravidez e o parto. Nos países em desenvolvimento é esta a maior causa de morte entre as adolescentes na faixa etária dos 15-19 anos. São expostas a doenças sexualmente transmissíveis, incluindo a Sida.

Para uma rapariga, esta união sem amor representa o toque da saída da escola para sempre, a perda total de hipóteses de vir a ter uma vocação ou uma carreira profissional. São-lhe roubadas as escolhas que permitem a conduta da sua própria vida.

Apesar de muitas Convenções Internacionais declararem que o casamento precoce é uma violação dos direitos humanos, este consenso é apenas virtual porque estes atos continuam a persistir, especialmente nas zonas mais pobres e rurais dos países em desenvolvimento, onde as raparigas estão muitas vezes em situação de maior vulnerabilidade.

Os números assustam: uma em cada três raparigas dos países em desenvolvimento, incluindo a China, irá casar antes dos 18

anos e uma em cada nove terá casado antes de completar o seu 15.º aniversário.

Fatores como a pobreza, as crises humanitárias e a ausência de educação formal remetem as meninas mais novas para este destino, muitas vezes porque os pais acham que esta é a maneira de assegurar o seu futuro, outras vezes porque representam um estorvo para a família já que são raparigas! O verdadeiro feito é ter um rapaz!

A Educação protege as raparigas do casamento precoce e da gravidez adolescente. Apenas 30% das raparigas a nível mundial completam o ensino secundário. Em situação de dificuldades económicas ou sociais, as famílias optam por investir na educação dos rapazes em detrimento das raparigas.

Se esta situação não se alterar, vamos assistir a um aumento do casamento infantil e jovem: 142 milhões entre 2011-2020 e 151 milhões na década seguinte. Ao mesmo tempo que cresce o número de crianças a casar, também irá crescer o número de crianças a dar à luz e as mortes entre as jovens irão aumentar. Acabar com o casamento precoce ajudará os países a atingirem os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM) e deverá ser uma prioridade da Agenda pós-2015. Continuamos à espera de medidas determinantes e eficazes por parte dos países, como, por exemplo, a proibição do casamento antes dos 18 anos, o que não acontece em muitos deles.

Num relatório feito pelo UNFPA, pode constatar-se que em 41 países, cuja prevalência de casamentos infantis é de 30% ou mais, encontramos na tabela quatro de língua portuguesa: São Tomé e Príncipe (34%), Brasil (36%), Moçambique (52%) e Guiné (63%). Triste é verificarmos que nos últimos 10 anos os índices de casamentos infantis nas zonas rurais e urbanas não sofreram reduções significativas.

Enquanto escrevo esta crónica, penso nas 200 jovens estudantes nigerianas que foram raptadas da sua escola por um grupo de extremistas islâmicos. Até ao momento fala-se de que irão ser vendidas, noivas forçadas, traficadas, escravas sexuais. A razão para este rapto chama-se Escola. Elas estavam a exercer o seu direito à educação, a arma mais poderosa de todas que assusta mesmo os mais terríveis... Nós, deste lado, não poderemos ficar calados, nem à espera. Particpem e partilhem.

www.popdesenvolvimento.org/continuamosaespera

Catarina Furtado durante uma visita à Guiné, na qualidade de embaixadora da UNFPA



CONTINUAMOS À ESPERA.